

Amor e Autorização

Psicanalista Renata de Masi



Fonte: Google Imagens

Julgar e condenar são coisas muito diferentes

Esse texto nasceu de uma analogia construída durante atendimentos clínicos.

Ao longo dos anos, observei um sofrimento que aparece repetidamente nos consultórios: pessoas adultas que continuam submetendo suas escolhas ao julgamento de pessoas que não escolheriam como referência se as conhecessem hoje pela primeira vez.

Pais, mães, irmãos, amigos, ex-companheiros, professores e outras figuras importantes ocupam lugares internos que muitas vezes jamais foram questionados.

A questão não está em amá-los. A questão está em quanto poder ainda possuem.

Foi observando esse fenômeno que surgiu a analogia do Tribunal Interno. Imagine que existe, dentro de cada sujeito, uma grande sala de julgamento. Nela, diferentes personagens exercem funções diferentes. O problema é que raramente percebemos quem está ocupando cada cadeira. E mais raro ainda é percebermos que algumas pessoas continuam sentadas em lugares de autoridade que talvez nunca tenham merecido ocupar.

Começemos pelo juiz.

- O juiz não acusa.
- O juiz não defende.
- O juiz escuta.

Sua função é sustentar a complexidade.

Ele precisa ouvir versões contraditórias, suportar dúvidas, analisar circunstâncias e, ao final, decidir, mas existe algo muito difícil em ocupar essa posição. Toda decisão produz consequências.

E o juiz é quem assina a sentença. Ele pode acertar e pode errar. Pode descobrir mais tarde que não possuía todos os elementos. Mesmo assim, precisa decidir. Porque não decidir também é uma decisão. Talvez seja por isso que tantas pessoas tentem entregar esse lugar para os outros.

Quando alguém vive esperando aprovação para tudo, está terceirizando a função do juiz. Está pedindo que outra pessoa assuma a responsabilidade que pertence à própria vida.

No banco dos réus encontramos aquilo que frequentemente está sendo julgado: nossos desejos.

- Desejos de mudar.
- Desejos de crescer
- Desejos de discordar.
- Desejos de partir.
- Desejos de permanecer.
- Desejos de ser diferente do esperado.

Curiosamente, grande parte dos conflitos humanos não acontece porque o desejo é criminoso. Acontece porque ele ousou existir.

Ao lado dele está o advogado de defesa:

- A parte que conhece a história completa.
- A parte que lembra o contexto.
- Que recorda os limites, as dores, as tentativas e os aprendizados.

Do outro lado está o promotor:

- Aquele que aponta incoerências, erros e responsabilidades.

Ambos são necessários. Sem defesa existe crueldade. Sem acusação existe irresponsabilidade, mas nenhum deles deveria ocupar o lugar do juiz.

Existe ainda a polícia interna:

- As regras.
- Os limites.
- Os freios necessários para que a vida coletiva seja possível.

E existem as testemunhas:

- As lembranças.
- As experiências.
- As marcas deixadas pelas relações.

Mas nenhuma dessas figuras é tão interessante quanto o júri.

Porque o júri ocupa um lugar diferente. O juiz, a defesa, a acusação, as testemunhas e a polícia pertencem ao mundo interno. O júri faz fronteira entre o mundo interno e o mundo externo.

Quando somos crianças não escolhemos quem está sentado ali. Chegamos ao mundo e as cadeiras já estão ocupadas.

- Pai.
- Mãe.
- Avós.
- Irmãos.
- Professores.
- Líderes religiosos
- Autoridades.

São essas pessoas que inicialmente nos ensinam quem somos. Através delas aprendemos o que merece orgulho, vergonha, admiração ou rejeição.

O problema é que muitas pessoas crescem sem nunca revisar a composição desse júri. Continuam prestando contas para as mesmas vozes. Continuam buscando aprovação das mesmas figuras. Continuam permitindo que pessoas sem maturidade emocional ocupem lugares de autoridade psíquica.

É aqui que uma distinção importante precisa ser feita: Amor e autorização não são a mesma coisa.

- Posso amar profundamente uma pessoa e não desejar que ela participe das decisões da minha vida.
- Posso reconhecer sua importância na minha história sem transformá-la em referência para meu futuro.
- Posso sentir gratidão sem entregar autoridade.
- Posso preservar o vínculo afetivo sem conceder poder de julgamento.

A análise frequentemente produz esse movimento, ela não elimina as pessoas, ela reorganiza os lugares. Algumas permanecem no júri, outras descem para a plateia, continuam sendo amadas, continuam sendo importantes, mas deixam de ocupar a posição de quem determina o valor das nossas escolhas.

Porque existe uma diferença entre assistir ao julgamento e participar da sentença.

- Nem toda pessoa que amamos está preparada para nos orientar.
- Nem toda pessoa que participou da nossa história está preparada para construir o nosso futuro.

Talvez uma das maiores conquistas emocionais da vida adulta seja justamente essa:

- Aprender a separar afeto de autoridade.
- Amor de autorização.

- Presença de influência.

Porque quando essas duas coisas se confundem, passamos a viver tentando agradar pessoas que sequer desejamos nos tornar. E talvez a análise seja justamente o processo de reorganizar esse tribunal.

- Não para expulsar todos.
- Não para viver sozinho.

Mas para que cada um ocupe o lugar que realmente lhe pertence.